

Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA
"Formação em Dança: estratégias de emancipação."

Goiânia - 2016

ISSN: 2238-1112

Para citar esse documento:

ALBUQUERQUE, Iara Cerqueira Linhares de. Processos criativos em rede digital: por que interpretar a nós mesmos + [por uma estratégia de sobrevivência]. *Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Goiânia: ANDA, 2016. p. 344-354.



www.portalanda.org.br

Apoio:



**PROCESSOS CRIATIVOS EM REDE DIGITAL:
POR QUE INTERPRETAR A NÓS MESMOS + [POR UMA ESTRATÉGIA DE
SOBREVIVÊNCIA]**

Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque (PUC - SP)ⁱ

RESUMO:

A mídia digital está cada vez mais acessível ao público e na sua organização descentralizadora, tece círculos colaborativos e aperfeiçoados, ratificando o uso voluntário e atrativo das redes virtuais. Nessa produção de informação em diálogo com experiências plurais/subjetividades (ROSE, 2011) se inscreve a forma de ampliar redes de conhecimento. A proposta desse artigo incide em pensar corpo nesse espaço, sob uma lógica não dualista e quais tipos de conexões políticas se fazem pertinentes para contribuição ao processo de compartilhamento. Busca-se apontar nessa ocorrência "coletiva" o "fala-se" a partir da Teoria Corpomídia para os artistas da dança como estratégia de sobrevivência. Na sequência, problematizar como as relações compartilhadas nesses ambientes midiáticos se encontram tensionadas pelos afetos e que passaram a reger as novas formas de viver, assim como no entendimento de que somos inventores de nossos selves segundo Nikolas Rose (2011) e no conceito de Cultura de Participação de Clay Shirky (2011).

PALAVRAS CHAVE:

Corpomídia. Tensionamentos colaborativos. Ambientes.

**CREATIVE PROCESSES ON DIGITAL NETWORK:
WHY INTERPRETING OURSELVES + [FOR A SURVIVAL STRATEGY]**

ABSTRACT: Digital media is increasingly accessible to the public and its decentralized organization, weaves collaborative and improved circles, confirming the voluntary and attractive use of virtual networks. In this production of information in dialogue with plurals / subjectivities experiences (Rose, 2011) it signs up the form of expanding knowledge networks. The purpose of this article focuses on thinking body in this space, under a non-dualistic logic and what kind of political connections are made relevant to contribution to the sharing process. It aims to point in this "collective" occurrence, the "spoken" from Corpomídia Theory for dance artists as a survival strategy. In sequence, it problematizes how the shared relationships in these media environments are tensioned by the affections and how it began to rule the new ways of living, as well as the understanding that we are inventors of ourselves, according to Nikolas Rose (2011) and in the concept of Culture of Participation from Clay Shirky (2011).

KEY WORDS:

Corpomídia. collaborative tensions. Environments

Desde quando a Teoria Corpomídia (2005) foi criada pelas pesquisadoras Helena Katz¹ e Christine Greiner² os estudos do/no corpo possibilitaram ampliar a discussão de processos criativos *on offline*, a partir de um entendimento epistemológico que refuta a noção dualista de impenetrabilidade. Numa perspectiva corpo/ambiente que tem na contaminação os hábitos, informações e outros dispositivos de poder, a relação ratificada pela teoria se faz em acordos, nos quais categorizar não se faz pertinente a esse entendimento. Além disso, Greiner (2005, p.103) reflete em relação a corpo e cultura e argumenta, “[...] cultura se constrói no trânsito entre o individual e o coletivo, entre o dentro e o fora do corpo, operando o tempo inteiro num continuum entre emoção, razão, ação corpórea [...]”.

Nesse viés associa conexões plurais por contextualizar argumentos que se fazem em acordo, por isso mesmo capaz de se atualizar e ampliar redes de conhecimento, evidenciando esse caráter compartilhado ao pensamento biopolítico³, ou seja, corposmídias das informações em rede. “[...] quando o corpo vem transformando a política em biopolítica, a proposta de entendê-lo como um corpomídia (KATZ; GREINER,2001) permite uma leitura crítica do que está em curso na nossa sociedade” (KATZ, 2010, p. 121). A estudiosa prossegue:

Desde sempre, nós vamos construindo o mundo, pegando coisas daqui e dali, em práticas que vão estreitando as trocas entre a química da vida e o ambiente. Em nossas construções de mundo, os entendimentos de “corpo” estão submetidos aos regimes de produção de sentidos que vão sendo engendrados ao longo do tempo. Mas, como a percepção do corpo ocorre de acordo com o conhecimento que se tem a seu respeito, o nome “corpo” vai variando, identificando referências distintas, ao longo da história. (KATZ, 2010, p. 125).

¹ Pesquisadora, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, crítica e palestrante nas áreas de Comunicação e Artes. Desenvolve, em parceria com a Profa. Dra. Christine Greiner, a Teoria Corpomídia (2005).

² Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP do curso de graduação e pós graduação. Desenvolve sua pesquisa na área de comunicação, com enfoque em estudos interdisciplinares do corpo.

³ Política pautada a partir de certo entendimento de vida, no qual o corpo tem um papel central (KATZ & GREINER, 2011, p.4) O termo biopolítica aparece em 1977, quando Foucault vem ao Brasil participar de uma conferência sobre o nascimento da medicina social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Os participantes nesse caso em específico, profissionais de dança envolvidos nessa cadeia digital que atuam via convocações⁴, se fazem envolver como consumidores ativos que buscam visibilidade, produção de imagem, e pulverização de informações, características das ações que se efetuam no ambiente digital.

Partilhar aspectos de si pode ser uma alternativa a práticas democráticas, a partir de escolhas próprias e individuais e um exercício ao debate coletivo, ou seja, se tornar sujeito de si mesma. Segundo Nikolas Rose⁵ (2011, p. 240): “subjetividade é tecnológica”, os seres humanos se tornam sujeitos de si próprios, relacionando corpo/cultura e sua constituição de subjetividade,

Mas isso somente na medida em que temos claro que um corpo não é “o corpo”, mas meramente uma relação particular, capaz de ser afetada de formas particulares. Trata-se de uma questão de órgãos, músculos, nervos e aparelhos que eles são eles próprios congestionados de células em constante intercâmbio umas com as outras, conectando e desconectando, morrendo, reconfigurando, ligando e combinando, onde o exterior de alguém é, simultaneamente, o interior de outro. Trata-se também de uma questão de cérebros, hormônios, moléculas químicas, que conectam e transformam as capacidades das várias partes, excitando-as, coordenando-as, fundindo-as ou desconectando-as. (2011, p. 256).

e compartilha com que Katz e Greiner (2005) já vem discutindo,

Ou seja, não é a cultura que influencia o corpo ou o corpo que influencia a cultura. Trata-se de uma espécie de “contaminação” simultânea entre dois sistemas sígnicos onde ambos trocam informações de modo a evoluir em processo, juntos. (GREINER, 2005, p. 103-104).

As convocações corpo/cultura se inserem na forma de ampliar diálogos interativos, e propõem deslocar o referencial “iluminista”⁶ para um pensamento que subverte qualquer possibilidade de universalizar opiniões massificadas. Vinculam-se os atravessamentos múltiplos como entrevistas pessoais e declarações políticas, propostas artísticas e fotos de vítimas de guerra como uma ocorrência social, uma apreensão visual, mesmo que fora da rede de conexões artísticas. Causam um olhar

⁴ Esse dispositivo, “busca capturar a atenção, motivar a fidelidade, a resposta ativa do consumidor em sua força de ouvindo, de seguidor de valores de consumo, de repercutidor. (PRADO, 2013, p.58).

⁵ Professor, britânico, sociólogo e teórico social.

⁶ Pensamento filosófico que defendia o uso da razão como o melhor caminho para se alcançar a liberdade, a autonomia e a emancipação.

sensível e articulam um enunciado coletivo quando o espaço que se propõe essa discussão redesenhando o processo cognitivo de criação em dança.

Segundo a citação de Castells (2013, p. 166), “[...] as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si [...]”, e se articula à reflexão de Rose (2011, p. 61) quando aponta: “[...] o ser constitui a si mesmo em diferentes práticas e relações”, mobilizando e sendo mobilizado.

Essa prática de utilização desses espaços como cultura de divulgação e promoção, se faz nos encontros, mas o importante são os atravessamentos que reverberam nas informações que se fazem em rede, de forma viral e em negociação com as informações já existentes. O corpo nesse processo se organiza enquanto experiência subjetiva das suas práticas via meio digital, e suas formas de aparecer, se expressar e ao constituir-se corpomídia.

Corpomídia como existência

Quando essa teoria foi criada, ambas as pesquisadoras fomentaram um mercado carente de um pensamento, que se aplicasse a todo e qualquer corpo, que fosse pensado coletivamente e o evidenciasse em processo na sua relação singular e coletiva.

O que se percebe é que, contrário aos discursos centralizadores, o estudo desenvolvido pelas professoras refletem processos transitórios e indisciplinados de conhecimento que se fazem corpo em qualquer ambiente.

Essa possibilidade de reconhecer e evidenciar qualquer que seja seu campo de atuação/estudos, corpo, gênero, moda, redes digitais, tem a possibilidade de tessituras “em rede” e, como questões próprias da tensão em que vivemos, podem ser discutidas a partir dessa teoria. Ou, como pensamento crítico de atores/consumidores que ocorre via interações na apropriação de imagens e acontecimentos nesse espaço, ao reconfigurar e dar visibilidade a ações em dança nos blogs, facebook e aplicativos sociais. Essa expansão modifica a comunicabilidade e cria um deslocamento não territorializado, produzindo modos de viver.

Nesse caso, quando se trata de processos de criação via redes digitais como lugar convidativo, muitas possibilidades fazem emergir dessa informação ao mesmo tempo, como campo de possibilidade de atuação biopolítica, ou seja, *ser/estar mídia de si mesmo*.

A Teoria Corpomídia se propõe com o objetivo de favorecer uma leitura crítica do papel do corpo face ao que está em curso na nossa sociedade e, por isso, propõe que corpo e ambiente existem em um inestancável fluxo de trocas/contaminações, sublinhando que tanto um como o outro só existem nestas trocas incessantes. As trocas/contaminações não acontecem depois que corpo e ambiente existem, mas são elas que os constituem. (KATZ, 2011, p. 4).

Esse pensamento se faz como resultado de cruzamentos de informações, e se torna *corpo* no ambiente *onoff-line*, sendo que ajustes se tornam necessários para lidar com as já existentes, principalmente geradas a partir de motivações indutoras à participação. Essas informações se caracterizam na habilidade de nos tornarmos sujeitos de nossas ações, convocações e na capacidade de participar e desarticular aspectos, geridas por discursos não implicados em ações de partilha, ou com diferentes formas de (des)organizar o mundo.

As informações via rede social em processos de criação se tornam corpomídias dessas ações. Nesse sentido, os agenciamentos se tornam coerentes quando postagens pessoais são feitas e disseminadas diariamente confluindo a uma cultura que além de induzir reações, torna-se um campo de produção de vínculos e reapropriação de imagens, mesmo que esses consumidores/atores se façam pontuais.

Interessante perceber como nos dispositivos digitais, as ações se multiplicam e criam formas de vida, ou modos de viver e expandir, compartilhando e criando associações como possível estratégia de sobrevivência em que o “fala-se” se constitui com um tecido combinado de vozes, para que a necessidade, nesse determinado momento, seja atendida, ou vista.

O argumento que se faz necessário demonstrar articula não somente a ideia de ação, postagem e capacidade criativa, mas o entendimento de como manter-se enquanto produção de conhecimento e articulação de possíveis oportunidades.

Segundo Greiner (2005, p.103): “[...] o que chamamos de sobrevivência (não apenas de pessoas, mas de ideias) dependerá de fatores como diversidade e adaptação”.

Essa questão pressupõe a adaptação, e acontece à medida que ocorrem encontros e estabelece uma relação de interesses compartilhados entre pares ou como se refere Garcia Canclini (2013, p. 184), “solidariedade em redes”. Nessa prática a ocorrência se faz entre trocas de informações e pessoas com motivações variadas; porém, é necessário o estímulo ou alguma provocação. Exatamente um fio que possa alinhar e costurar experiências diversas entre contextos variados. Nesse sentido, as redes se tornam aptas a desempenhar um lugar de multiplicadores para que as vozes se façam ouvidas.

Esse modo possível de existência auto-organizada, que sugere um exercício, até certo ponto, livre de ação nas redes, com postagem, divulgação de vídeos e atos coletivos, reflete uma pluralidade de ideias e a manutenção de um desejo político de existir que oportuniza à participação em algum momento.

Segundo Castells⁷ (2013, p.163), “As redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, criam companheirismo, ou seja, “[...] a internet é uma máquina de oportunidades[...]”. (SHYRK, 2011, p.118)⁸.

As ocorrências que acontecem como tensões e desmotivações nas postagens individuais se fazem perceber também por excesso, causado pela quantidade de informações a serem administradas a cada minuto nessa forma de organização. Mas, ocorrem transformações nas pessoas envolvidas, como participação, mesmo eventual ou na continuidade de acesso. “Se as pessoas pensam de outra maneira, se compartilham sua indignação e acalentam a esperança de mudança, a sociedade acabará mudando de acordo com seus desejos. (CASTELLS, 2013, p.114).

Nessa ideia, o desejo de reprodução, aprendizagem e divulgação de informações parece confluir a profissionais conhecidos nacional e

⁷ Sociólogo espanhol. Entre 1967 e 1979 lecionou na Universidade de Paris, primeiro no *campus* de Nanterre e, em 1970, na École des Hautes Études en Sciences Sociales.

⁸ Escritor e professor universitário estadunidense. Seus cursos e palestras discorrem sobre a topologia das redes, e como essas redes moldam a nossa cultura e vice-versa.

internacionalmente a usarem o espaço como divulgação. Como exemplo coreógrafos como Angelin Preljocaj, George Balanchine, Anne Teresa De Keersmaeker, Marcelo Evelin, dentre outros, que diariamente compartilham suas produções nas redes sociais, convocando pessoas, ao falarem em relação ao seu modo de criar e seus posicionamentos políticos.

Como se pode notar o espaço além de ágil se faz a partir de uma lógica na qual pessoas o utilizam de diversas formas, inclusive para alertar um grupo ou uma determinada comunidade em relação a uma situação ou ocorrência. Esse artigo reflete a partir de uma voz individual/coletiva e na perspectiva da capacidade dessa articulação funcionar como tática de sobrevivência, ou ainda na maneira de ajudar nos processos criativos de dança em geral, ao ampliar a uma reflexão local, para uma discussão global, artístico/política.

O volume alcançado pela apropriação de livros, música, roupa e entretenimentos fora dos mercados formais evidencia baixa integração ou franca desintegração. Ao analisar o conteúdo de muitos vídeos no YouTube, assim como os rituais violentos dos espetáculos, observamos o crescimento das zonas de enfrentamento ou de transgressão. Isso acontece em relação aos grafites, às tatuagens, ao volume alto e invasivo da música e mesmo a agressões diretas: tais comportamentos são interpretados, às vezes, como ocupações de territórios diferenciados – bairros, antros- e como encenações de jovens e artistas que desafiam as pretensões de uma ordem social que os deixa de fora. (CANCLINI, 2012, p. 187).

Com o título “Precisamos de apoio para que as manifestações artísticas sobrevivam”⁹, Vera Bicalho diretora geral da Mostra de Dança Contemporânea Paralelo 16 e também diretora da Quasar Cia de Dança de Goiânia – Goiás, concede uma entrevista para divulgar um evento artístico e questiona o atual momento das artes no Brasil. Na página de um jornal *on-line*-, ela faz uma publicação e aponta como as áreas de dança, teatro, circo, artes visuais, cinema e demais se encontram afetadas. Ao usar o espaço para convocar pessoas sobre um assunto que afeta não somente ela, mas um conjunto de artistas na atualidade, sua fala se distende para o “fala-se”. Amplia-se daí essa interlocução, afirmando seu

⁹ Jornal Opção, Edição 2130, de 1 a 7 de maio de 2016.

discurso em articulação a outros atores em rede também numa mesma situação no país.

Verifica-se como o espaço digital ressoa ocorrências dos espaços urbanos nas redes *online*, ganham repercussão, e, de certa forma, atualizam o público sobre determinadas situações cotidianas. Assim sendo, além de divulgar uma ação artística na cidade, esse alerta configura-se como uma oportunidade de problematizar uma situação geral. Tal relato atualiza a situação de crise das políticas públicas no Brasil e o diagnóstico nesse ambiente amplia a capacidade das pessoas se unirem e atuarem juntas e, conseqüentemente, se tornarem mais ativas.

A própria ação de relatar, cria um engajamento voluntário em rede e amplia as chances de buscar um funcionamento conjunto; a retroalimentação ocorre quando a informação induz a participação, comentários, reações. Porém, pode-se ver ainda uma exposição de fatos e opiniões que muitas vezes se confundem e são publicadas inveridicamente distorcendo e criando falácias.

Usando a mídia digital, Vera Bicalho apela aos consumidores, relatando como as artes não têm vivido um bom tempo no atual cenário brasileiro. Desta forma, convoca todos a participarem desse atual momento político nacional. Essa diretora narra sua insatisfação e se faz corpomídia da sua situação pessoal, amplificando vozes e encorajando discussões. Tal teoria nos ajuda a lidar com algumas informações que misturam razão e emoção, conseqüentemente refinando o modo de se posicionar no mundo. Essa convocação amplificada da voz, implica em criar seguidores produzidos pelo mesmo sentimento de insatisfação e desmotivação que existe nos atuais cenários estadual e nacional, referentes a projetos artísticos em geral. Trata-se da convocação discursiva de uma diretora de companhia famosa do Brasil, esse também se torna um atrativo a essa convocação.

Segundo Prado¹⁰:

¹⁰ Graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1988), e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994). Atualmente é professor assistente doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O enunciador, para se fazer ouvir, trabalha o texto em que força de apelo, de interpelação, de narrativa carregada de sentidos ligados ao mundo cotidiano; para se fazer seguido, constrói enquadramentos a a partir de sua força de autoridade de sabedor, edifica mundos imaginários em que os usuários mergulham. A biopolítica, nessa fase midiática, orienta cada um para construir sua vida a partir dessas convocações discursivas que encarnam, pois são empuxos pulsionais, ligados à fantasia. (2013, p. 58).

Portanto, os discursos ressoam a partir de cada ambiente/cultura no qual esse se contra inserido. Os corposmídias permitem ajustar as informações de acordo com suas percepções de mundo, ou seja, em corpo. Tornam-se agentes de uma prática feita a partir da relação diária, de conexões consigo próprios e em relação ao outro, ou no lugar do outro. Nikolas Rose (2011) propõe a abertura de um exercício de si. Nesse sentido, ao se discutir o processo de criação em dança em um ambiente que promove cruzamentos diários de informações, pensando em interpretar a nós mesmos como estratégia de sobrevivência, resvala no entendimento de corpo que somos, vestimos, ostentamos e como "mostramos nossas singularidades" (ROSE, 2011, p.11).

Em relação a esse consumidor, a partir da citação de Rose (2011), e o entendimento de Shirky (2011) sobre cultura de participação, a habitualidade desse comportamento engajado politicamente, ao ser disseminada nas redes sociais, se contagia pelo contato social, numa prática que se organiza em articulação como nos comportamos e revela como o caráter suscetível age nos seres humanos e nos seus modos *onoff-line* de vida. A oportunidade de criar uma relação de aproximações com maior número de pessoas, a partir da identificação sobre determinado assunto, divulgado nessa cultura compartilhada, se torna efetiva e capaz de realizar serviços de maneira eficaz e colaborativa.

Estando em um momento político bastante difícil, em que vozes precisam ser ouvidas de forma atenta e consciente, busca-se nesse entendimento, apontar o quanto um trabalho compartilhado pode produzir uma relação conscienciosa e menos individualista. Apesar de a diretora atuar numa companhia famosa, ela foi porta voz de um sentimento do individual ao coletivo, mas sabe-se também que

interesses pessoais favorecem individualismos e o quanto os dispositivos¹¹ nos acompanham.

Porém, quando parte da população se faz representada com a fala de Vera Bicalho, a importância do ato se torna visível como denúncia/revelação e faz surgir um sentimento que viabiliza não somente essa profissional, mas todos os artistas, em geral, que partilham da urgência de movimentos ativistas em relação às questões políticas do país.

Pode-se verificar um comportamento que se identifica com pessoas que repartem experiências artísticas ou não, ou pensam manifestações e protestos como possibilidade de expressão.

A continuidade dessa ação ocorre a partir do entendimento do ser/estar em processo, e nesse processo ocorrem mudanças. Nesse espaço, busca-se existir e atuar com objetivos não programados, comportamentos múltiplos, experiências conectadas na/em rede, que reverberem em práticas de existência e na continuação em ações de dança.

A dedicação a esse tempo livre mesmo que seja pouco, torna-se útil, considerando que partilhar fotos seja mais prazeroso, mesmo se o acesso permeie outros interesses que não sejam produção de conhecimento. O exercício contínuo de compartilhamento de ideias e atos, acessado por inúmeras pessoas que operam de forma igualitária pode reverberar em uma cultura participativa em relação a determinados questionamentos políticos, por isso os múltiplos comportamentos surgem desse envolvimento.

O “fala-se” como estratégia de sobrevivência possibilita uma habilidade cognitiva que disseminada em rede contagia. Esta contaminação, demonstra a

¹¹O dispositivo se liga a um conjunto de práticas, corpos de conhecimentos, medidas e instituições que visam administrar, governar, controlar e orientar – de um modo que pretende ser útil – os comportamentos, gestos e pensamentos dos seres humanos. (AGAMBEN, 2009, p.12).

efetividade de ações nas quais muitos participantes possam intervir, manifestar e reproduzir suas opções e/ou modos de viver.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **A sociedade sem relato**: antropologia e estética da iminência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **O corpo em crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.

KATZ, Helena. **Corpo, dança e biopolítica**: pensando a imunidade com a Teoria Corpomídia. Anais do 2º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança, 2011.

_____. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. In: _____. **O corpo em crise**, São Paulo: Annablume, 2010.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selves**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SHYRK, Clay. **A cultura de participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

^{i i} jacerqueira@hotmail.com. Professora assistente do curso de Licenciatura em Dança, UESB; doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC - São Paulo; participa do CED, coordenado por Helena Katz; colaboradora do GAP-Motus, grupo de ações performativas; colaboradora do ctrl + alt + dança e artista da dança (compositora e bailarina).